

OS MISTÉRIOS DO GRAAL:
Desmistificações e resistência da figura feminina no cristianismo

Por:

THAMYRES SILVA CARDOSO PERES

(Aluna do curso de Português-Literaturas)

Faculdade de Letras / UFRJ
Rio de Janeiro, 1º semestre de 2020.

OS MISTÉRIOS DO GRAAL:
Desmistificações e resistência da figura feminina no cristianismo

Por:

THAMYRES SILVA CARDOSO PERES

(Aluna do curso de Português-Literaturas)

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Literaturas.

Orientador: Professora Doutora Luciana dos Santos Salles

Faculdade de Letras / UFRJ
Rio de Janeiro, 1º semestre de 2020.

“Quando a mulher começa a entrar em contato com o mundo do Sagrado Feminino, ela começa a perceber e reconhecer o seu poder pessoal.

A pergunta de muitos ainda é: O que é o Sagrado Feminino?

O Sagrado Feminino é um mundo de mistérios e clareza. É permitir que a mulher e não só ela, mas ambos os sexos despertem em seu interior a energia feminina.

Todo ser humano traz dentro de si duas polaridades: masculino e feminino, *yang* e *yin*. Com a era patriarcal, explorou-se o masculino anulando a energia feminina, criando uma sociedade que há todo momento compete pelo poder, robótica e mental. Perdendo-se a energia do Amor, da Compaixão e do Respeito mútuo, é necessário que essas duas polaridades estejam equilibradas para o ser humano estar em paz (...) Despertar o Sagrado Feminino é um processo de conhecimento, aceitação e respeito. É Despertar a consciência do Amor e dar a si de presente uma nova vida e um novo aconchego”.

Carol Shanti em *Saberes e Práticas do Sagrado Feminino — Sabedoria Iniciática Feminina*

RESUMO

Na Idade Média, os costumes sociais eram determinados por uma estrutura importante: a Igreja. Sendo esta a mediadora entre Deus e os homens, era a importante influenciadora nos princípios éticos e morais da sociedade. Sendo o cristianismo o fundamentador de um discurso que coloca o homem em uma posição de prestígio e a mulher como representação do pecado, na literatura não poderia ser diferente. O processo inquisitivo procurou apagar o arcabouço cultural e imaginário que contemplava as mulheres antes da expansão do cristianismo na Europa. Cultura essa que mantinha o equilíbrio entre o deus e a deusa, o masculino e o feminino. *A Demanda do Santo Graal* demonstra como ocorre a dominação cristã na época medieval, cujos personagens homens eram a representação da figura ideal em busca da salvação e, as mulheres, sob a ótica masculina, a representação do pecado e da infâmia. Mais tarde, foi possível observar que o próprio Graal poderia ser uma figura feminina, visto que é um objeto mítico. Além disso, com os movimentos feministas, surge *As Brumas de Avalon*, retratando as origens de importantes personagens da *Demanda* e demonstrando o processo de ressignificação de diversas culturas pré-cristãs.

Palavras-chave: Idade Média, cristianismo, Graal, figura feminina.

ABSTRACT

In the Middle Ages, social customs were identified by an important structure: the Church. Being this mediator between God and men, she was an important influencer on the ethical and moral principles of society. Whether Christianity or the foundation of a discourse that presents a man in a prestigious position and a woman as the representation of a sin, literature cannot be different. The inquisitive process seeks to erase the cultural and imaginary framework that it contemplates as women before the expansion of Christianity in Europe. Culture that maintains the balance between god and goddess, male and female. *The Demand of the Holy Grail* demonstrates how Christian domination occurs in medieval times, male characters were the ideal representation of the figure in search of salvation and, as women, from a male perspective, the representation of sin and infamy. Later, it was possible to observe that the Grail itself could be a female figure, since it is a mythotic object. In addition, with the feminist movements, *The Mists of Avalon* appears, portraying as origins of important characters of the Demand and demonstrating the process of re-signification of several pre-Christian cultures.

Keywords: Middle Ages, Christianity, Grail, Female Figure.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1.CONTEXTO SOCIAL.....	10
1.1.O homem e a mulher na sociedade medieval.....	11
2.OS CAVALEIROS DO GRAAL – UM RESUMO.....	14
2.1.O cavaleiro Galahad.....	15
2.2.Boorz e Percival.....	16
2.3.Lancelote – o cavaleiro cortês.....	18
3.A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA DEMANDA.....	21
3.1.Anchoret – a dama escolhida.....	22
3.2.A rainha Guinevere.....	23
3.3.Morgana – a sacerdotisa de Avalon.....	24
3.3.1.As Brumas de Avalon e a retomada dos símbolos pagãos.....	26
4.O SIMBOLISMO DO GRAAL.....	28
5.OS MISTÉRIOS DO GRAAL — A LINHAGEM SAGRADA.....	30
6.LEITURA DOS PERSONAGENS.....	34
6.1.A leitura cristã.....	34
6.2.Leitura baseada na linhagem sagrada.....	35
6.2.1.Guinevere – a “Madalena” do Graal.....	35
6.3.Leitura pagã — a deusa tríplice.....	37
CONCLUSÃO.....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41

INTRODUÇÃO

A figura feminina sempre foi motivo de polêmica no contexto religioso. Enquanto as religiões pré-cristãs possuíam a mulher como destaque, após a expansão do cristianismo em Roma – cujo patriarcado era predominante – toda a doutrina foi inclinada ao poder de um Deus masculino, enquanto a mulher, deliberadamente, foi perdendo a sua visibilidade. A autora Teresa Martinho Toldy (2010) esclarece a estrutura que permeia essa questão:

Parece existir, realmente, um “cânone da opressão”, que, nas religiões monoteístas, passa pelos livros sagrados e pelas suas interpretações e reinterpretções por parte das instâncias emissoras dos discursos oficiais (sempre masculinas!). O patriarcado não é compreendido nos termos de um sistema sexual binário, mas sim como uma complexa estrutura piramidal de domínio político e de subordinação, estratificada segundo taxonomias de sexo, raça, classe, religião e cultura (TOLDY, 2010, p. 172).

Desde a Era Pré-Histórica, os seres humanos associaram a criação do universo a um poder feminino, visto que a mulher é quem possui o dom de gerar a vida de outros seres. Registros arqueológicos da Era Paleolítica identificaram objetos que representavam culto à Deusa Mãe: um búzio, que significava “o portal por onde uma criança vem ao mundo”¹ coberto por uma tinta vermelha (que representava o sangue), além de tambores e flautas feitos de ossos. Essa simbologia perdurou entre os Celtas desde o milênio II a.C., disseminada por toda a Europa em questões políticas, culturais e linguísticas, mas começou a ser destituída pelo Império Romano, que impôs o idealismo cristão na sociedade, ocultando o arcabouço histórico da Antiga Religião.

Com a história do Santo Graal não foi diferente. Oriundo de uma mitologia Celta, a lenda sobre o “Santo Cálice” foi cristianizada e dividida em dois ciclos denominados *Vulgata* e *Post Vulgata*. O primeiro ciclo gira em torno das origens do santo cálice e as profecias de Merlin. Os livros que os contam são: *A estória do Santo Graal*, *A estória de Merlin*, *o Livro de Lancelote do Lago*, *A questão do Santo Graal* e *A morte do Rei Artur*. O segundo, por sua vez, traz a cristianização do cálice e a sua guarda e busca. Os livros que fazem parte desse ciclo são: *Livro de José de Arimatéia*, *Merlin* e *A Demanda do Santo Graal*.

¹<https://pt.wikipedia.org/wiki/Pr%C3%A9-hist%C3%B3ria>

Mas e se o Graal não for exatamente um cálice? A linhagem sagrada defendida por Ludenberg Goes, Michael Baigent e Margaret Starbird ajudará a desmistificar esta importante simbologia.

1. CONTEXTO SOCIAL

A Demanda do Santo Graal possui inúmeras versões, por se tratar de um dos romances de cavalaria do século XI, cuja transmissão era realizada de maneira oral ou atuada nos teatros medievais. As novelas de cavalaria são resultados das canções de gesta, poemas de romance originários da França. Essas novelas penetraram em Portugal por volta do século XIII, no reinado de D. Afonso III e tinham como principais características as guerras combatidas por cavaleiros, considerados heróis (reais ou míticos) e o amor cortês (o cavaleiro possuía um amor idealizado pela dama, geralmente impossível de ser vivido). Normalmente, esses romances terminavam de forma trágica.

Vale lembrar que as novelas possuem 3 ciclos: Clássico, Carolíngio e Arturiano ou Bretão. O ciclo Clássico é greco-latino e tem como principal enredo as guerras de Troia e as gestas de Alexandre, o Grande. As principais obras desse ciclo são: *Roman de Thèbes*, *Roman de Troie* e *Roman de Alexandre*.

No ciclo Carolíngio, o herói é Carlos Magno e seus doze pares de França (conjunto de cavaleiros que faziam sua guarda) e relatava as guerras contra árabes e saxões. As principais obras são: *Crônica de Maynete*, *Crônica de Turpin* e *Canção de Rolando*.

O ciclo Arturiano ou Bretão foi o mais disseminado em Portugal através da Matéria da Bretanha e o principal herói era o Rei Artur. Esse ciclo possui 3 fases: a do *Livro de José de Arimatéia*, *Merlim* e *A Demanda do Santo Graal*.

A Demanda faz parte de um contexto histórico de transição e dominação do cristianismo na Idade Média, que visava acabar com a cultura e religião celta, além de assegurar o domínio político-econômico-social da região. Conforme demonstra Auerbach (1970), “Pode-se dizer que, no curso de sua longa história, o Cristianismo só teve raras épocas de calma e concórdia interior; desenvolveu-se e subsistiu atravessando lutas e crises das mais terríveis” (AUERBACH, 1970, p. 70).

É importante, ressaltar, portanto, que a *Demanda* exige que o leitor vá além de uma leitura literal. É necessária uma leitura alegórica, com o objetivo de desmistificar os símbolos ali contidos, pois na época medieval, o real e o imaginário caminhavam lado a lado. Helder Macedo (1996, p.61) afirma que “A sociedade medieval concebia-se como parte de uma totalidade metafísica de que o mundo material era o aspecto visível. Por isso, a literatura medieval visava sempre a designar o concreto para significar o abstrato”.

1.1. O homem e a mulher na sociedade medieval

As funções sociais da mulher e do homem na Idade Média dependiam de um sistema político-econômico-social chamado Feudalismo. Nele, os senhores feudais administravam as terras e abrigavam os camponeses em troca de trabalho e proteção, pois nesse período ocorriam invasões muçulmanas e bárbaras nas terras europeias. Abaixo da realeza, os senhores feudais se encontravam numa posição de destaque na “pirâmide social” junto ao clero e a nobreza. Abaixo, encontravam-se os servos. “Três ‘estados’ (eis a palavra), três funções (as mesmas: servir a Deus, defender o Estado pelas armas, tirar da terra a alimentação) e que estão igualmente hierarquizadas (DUBY, 1994, p.11).

Nessa estrutura, o homem participava ativamente da sociedade, pois era o responsável pelas trocas comerciais e manutenção das terras dos senhores feudais. Era importante que o homem medieval respeitasse essa hierarquia, pois ela não era apenas social, mas também divina:

No plano social e político, o homem medieval tem de obedecer aos seus superiores, aos preladados, se se tratar de um elemento do clero, ou ao rei, ao senhor, aos chefes comunais, se se tratar de um leigo. No plano intelectual e mental, tem ainda de ser fiel às autoridades: à Bíblia, que é a autoridade principal, e às que o cristianismo histórico lhe impôs — os Padres da Igreja da Antiguidade e os rthagistri, os mestres, no período universitário, a partir do século XIII. O valor, abstracto e superior, da autoritas, autoridade herdada da Antiguidade, impunha-se-lhe sob as formas de múltiplas autoridades encarnadas (LE GOFF et al, 1989, p. 29).

A mulher, em contrapartida, participava passivamente da sociedade, normalmente cumprindo o papel de mantenedora da casa e tecelã das roupas da família. “Define-se como ‘esposa, viúva ou virgem’”(IDEM, p. 22). A exceção diz respeito às de alta posição social (como as rainhas), que “(...) controlava[m] as propriedades na ausência dos maridos e as herdava quando viúva; chegou a defender os feudos em momentos de guerra, trabalhou nas cidades e no campo, nas mais diversas atividades, tomava conta de seus domínios (...)” (ZIERER, 2009, p. 2).

Bordieu afirma que a diferença biológica e anatômica pode ser usada como justificativa natural da diferença entre os gêneros e para a divisão social do trabalho (BORDIEU, 2002, p. 10). Contudo, ainda segundo o sociólogo, o homem “legitima uma relação de dominação, inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada”

(IDEM, 2002, p. 16). Segundo essa ideia, o homem deveria apresentar sua virilidade também na sociedade, exercendo papéis de maior sacrifício em detrimento às mulheres.

É importante destacar a importância do clero no feudalismo, pois representava um poder político e, acima de tudo, ideológico. Os clérigos eram a representação do próprio Deus na sociedade e os intelectuais da Idade Média faziam parte do cenário religioso. Logo, o cristianismo – baseado na ideia do pecado original – colocava o homem na posição de prestígio, pois a dominação do homem era também uma ordem divina.

Segundo Le Goff, a ideologia do homem medieval é composta por um dilema: a de que o homem “foi feito ‘à imagem e semelhança de Deus’ e o que, tendo cometido o pecado original, foi expulso do paraíso terrestre e condenado ao sofrimento” (LE GOFF et al, 1989, p. 11). Enquanto isso, a mulher desempenha o papel da figura “falsa e cruel”, que leva o homem aos prazeres da carne (IDEM, p. 44).

Apesar do caráter predominantemente misógino da Idade Média, a mulher possuía dois momentos de redenção: a virgindade e o casamento. Nesse sentido, a mulher solteira deveria permanecer virgem até o casamento, pois era o sinônimo da sua pureza e da resistência às tentações mundanas. Na segunda fase da sua vida, a mulher de prestígio deveria ser casada, pois o casamento era um sacramento cristão que visava manter a criação designada por Deus. Era, também, uma forma de administrar os bens das famílias.

(...) esses bens eram dados pelo marido, ou pela sua família, à família da esposa, como «compensação» pelo prejuízo que essa família sofria ao ceder uma das suas filhas. Depois, passam a ser dados à esposa que, como contrapartida, continua a levar para casa do marido bens imóveis, e quantias em dinheiro que «dá» ao marido e que ficam na sua posse. Assim ficará assegurada a sua existência depois da morte do marido (KLAPISCH-ZUBER, 1989, p.196).

A viúva, por sua vez, quando não dispunha de boa condição social enquanto casada, normalmente terminava a sua vida em um convento ou sendo abrigada nos feudos. Essas mulheres eram consideradas indefesas, pois já não possuíam o chefe de família para manter a ordem normal da sociedade. “O texto da Bíblia (...) designava claramente os laicos que importava colocar em especial sob a tutela régia: primeiro as viúvas e os órfãos – a parte da população temporariamente subtraída à protecção de um chefe de família; depois os ‘pobres’” (DUBY, 1994, p. 104).

É possível perceber, portanto, que o papel do homem na sociedade medieval é superior tanto no sentido material quanto espiritual, devido à estrutura social da época e, principalmente, pela ideologia que o cristianismo impunha.

2. OS CAVALEIROS DO GRAAL – UM RESUMO

A versão da *Demanda* trazida por Galdino gira em torno da busca do cálice de esmeralda que continha o sangue de Jesus recolhido após a crucificação, que foi deixado por José de Arimatéia no castelo chamado Corbenic, sob a guarda do Rei Pelles, que se encontrava doente. Merlin, o mago, prenunciou que os maus tempos cessariam no reino de Logres com a chegada do “cavaleiro predestinado”, que encontraria o Santo Graal, trazendo de volta a paz e a harmonia do reino.

Dentre os cavaleiros, quatro possuem destaque: Boorz, Percival, Galahad e Lancelote. Os três primeiros foram os escolhidos para alcançarem o Graal, mas o último não pôde fazer parte da jornada, pois feriu um dos princípios exigidos na demanda, que é a fidelidade ao seu senhor.

Se homem traidor que mata seu senhor ou dorme com sua mulher ou se entrega seu castelo é cavaleiro, que coisa é o homem que morre para honrar e defender seu senhor? E se o cavaleiro traidor é objeto da blandícia de seu senhor, qual falta poderá fazer para que seja punido ou repreendido? E se o senhor não mantém a honra de cavalaria contra seu cavaleiro traidor, quem a manterá? E o senhor que não destrói seu traidor, qual coisa destruiria, e por que é senhor e homem e coisa nula? (FILHO, 2007, p. 85).

Durante toda a jornada, os cavaleiros se deparavam em conflitos internos e tentações, que muitas vezes faziam parte apenas dos seus imaginários. Em nome da busca pela perfeição, eles participaram de grandes aventuras na Távola Redonda. Os cavaleiros do Graal eram, portanto, “guerreiros de Deus”.

Diante desse contexto, os comandados pelo Rei Artur seguiram uma jornada espiritual, contando com visões, miragens e curas divinas. Segundo Heitor Megale:

Com a evolução desse grupo militar ao estado de casta nobiliárquica, o critério de valoração passou a ser baseado no moral do pretendente, necessariamente fidalgo, mantenedor de uma linhagem. Por fim, para atender à demanda e aos interesses da Igreja, o cavaleiro deveria também portar uma série de valores espirituais, em contraponto à natureza originariamente mundana de seu dever de soldado, personificando o epítome do guerreiro de Deus (MEGALE, 1992, p. 19).

Dessa forma, os cavaleiros da Távola Redonda não eram meros soldados, mas sim os escolhidos de Deus para restaurarem uma ordem de cavalaria que visava à justiça e proteção dos necessitados (principalmente as donzelas). Era, portanto, um título de nobreza não só militar, mas também cristão e seus instrumentos não eram meramente bélicos, mas também espirituais. “(...) cada arma, cada veste, cada gesto, transforma-se em símbolos de virtude e de requisitos cristãos. A espada será o gládio do espírito, o elmo será a fé e assim por diante” (LE GOFF et al, 1989, p. 66).

Encerrada a jornada, que precisou da sabedoria da irmã de Percival para a conclusão, Galahad consegue desvendar o mais profundo mistério do Graal, o que resulta em sua morte, pois, de acordo com a tradição, o homem que enxergasse o conteúdo do cálice jamais poderia permanecer vivo.

2.1. O cavaleiro Galahad

O cavaleiro Galahad é o protagonista da demanda do Santo Graal, pois ele é o predestinado a conhecer o cálice: “(...) Aquele que descende da linhagem de José de Arimatéia... Através do qual todas as maravilhas se realizarão (GALDINO, 2000, p.14). Por ser uma questão de vocação, Galahad tem méritos que os outros da Távola não possuíam, como, por exemplo, a retirada da espada da pedra e o assento na Cadeira Perigosa.

A dignidade era a principal exigência para o merecimento de tamanha nobreza na época e Galahad possuía todos os requisitos. Algumas versões da *Demanda* contam que, Lancelote, seu pai, nascera com o mesmo nome, contudo foi substituído em seu batismo, pois Merlin havia profetizado que o filho ultrapassaria os valores do pai.

Dentre todas as qualidades de Galahad, a que mais o caracteriza como cavaleiro nobre é a sua pureza, pois como a tradição do ciclo arturiano é cristão, somente os cavaleiros castos poderiam continuar na busca do santo cálice.

Galahad foi tentado a quebrar seu juramento pela filha do rei Brutus. O cavaleiro resiste, aconselhando que a donzela mantivesse a sua pureza, pois ela pertencia à nobreza. Mesmo diante da ameaça de suicídio da moça, Galahad mantém sua firmeza: “É melhor morrer defendendo a honra que escapar carregado de culpa” (GALDINO, 2000, p.56).

O suicídio é, dessa maneira, concretizado e o pai da princesa, condenando os cavaleiros, só acredita no ato após travar uma batalha com Boorz, que quase o mata: “Ai meu Deus... Essa

tragédia encheu de vergonha o castelo. Minha filha se matou para pôr fim à loucura de sua paixão (IDEM, p.58).

Galahad realiza sua busca de maneira impecável, conquistando, assim, a coroa na cidade de Sarras, considerada santa: “(...) Escorant não tinha sequer a nobreza do sangue, enquanto o senhor descende da linhagem de José de Arimatéia. Portanto, ninguém tem mais direito que o senhor de colocar essa coroa sobre a cabeça (IDEM, p.122).

Depois de encontrar o Santo Graal, o cavaleiro foi levado aos céus junto ao cálice: “(...) o teto da abadia e o céu se abriram, e deste desceu uma mão que se apoderou do Graal, conduzindo-o para as alturas (idem, p.125)”.

2.2. Boorz e Percival

Boorz e Percival também fazem parte dos cavaleiros honrados, pois resistiram a inúmeras tentações que poderiam ferir a dignidade datada como exigência para os cavaleiros. No entanto, ambos cometeram pequenos “deslizes” durante a demanda, o que os afastam do patamar de cavaleiros perfeitos, como Galahad. Todos esses princípios são analisados no código de cavalaria.

Llull apresenta a educação do cavaleiro permeada pela elevação das virtudes como justiça, sabedoria, caridade, lealdade, verdade, humildade, fortaleza e esperança, todos eles precedidos do mais importante – amar e temer a Deus. Estas virtudes são componentes na constituição do cavaleiro que defende a fé de Cristo. O cavaleiro deveria ser corajoso, justo e vitorioso porque teria sido ungido por Deus para levar sua palavra. Dessa forma, esta obra literária visava à educação do cavaleiro por meio do seu comportamento, dos valores que norteiam a cavalaria cristã e dos ideais que deveriam ser difundidos por esta, considerada modelos de educação da sociedade².

Percival, após encontrar o Rei Pelles ferido, partiu em busca de Galahad para que o cavaleiro pudesse curá-lo. Após enfrentar um cavaleiro na estrada e perder seu cavalo, encontrou uma mulher que o pediu para se manter casto até o fim da demanda. Em seguida, seu novo cavalo o guiou até uma praia, onde uma dama o conduziu até almofadas perfumadas e um banquete,

² <https://bit.ly/3h5uhdE>

oferecendo-lhe alimento e também vinho. Segundo Galdino, esse vinho foi experimentado, turvando os pensamentos do cavaleiro:

(...) Os criados trouxeram vinho e ele experimentou, turvando os pensamentos como jamais lhe sucedera antes. E a moça, que era pura gentileza, pediu: - Senhor, eu me sinto tão solitária. Por que não me ama? Percival abriu os olhos e se deu conta de que já não estavam à mesa, mas no leito, entre travesseiros perfumados (GALDINO, 2000, p. 72).

Mesmo cometendo o pequeno desvio, Percival não perde seu parâmetro de bom cavaleiro, pois não consuma o ato sexual. (“Então, quando ela se deitou, ele vislumbrou a um canto a cruz formada pela empunhadura da espada e recordou-se do juramento que havia feito ao receber o cavalo”) (idem, *ibidem*).

Boorz, de acordo com Galdino, tem uma experiência semelhante e também resiste, ocasionando no suicídio de 12 mulheres: “Assim que ele completou a fala, a dama intimou-as com um olhar e as doze jovens saltaram, esborrachando-se contra o solo do pátio” (GALDINO, 2000, p. 99). No entanto, de acordo com uma versão portuguesa da *Demanda* (1988, p. 19-28) apud Pereira (2007, p. 60), pode-se verificar que antes dessa resistência, Boorz teve uma relação sexual com a mulher de um rei:

E saibam todos que este conto ouvirem, que aquel Alaim o Branco foi filho de Booz de Gaunes. E feze-o em ua filha del rei de Gram Bregonha. Pero ante que esto fosse, prometera Booz a nosso Senhor de lhe guardar sua virgindade. Mas tam taste que o ella vio, pagou-se delle desali e amou-o; e depois enganou-o por encantamento. E jouve com ella e fez [Alaim] aquella noite, que foi depois enperador de Constinopla. E se Booz britou aquello que prometeo, nom foi por seu grado, mas pello encantamento que lh[e] a donzella fez. E depois corregeo aquello que fez que todo-los dias da sua vida manteve [castidade].
A Demanda do Santo Graal: 9, 19-28

No entanto, por se tratar de um “encantamento”, Boorz fez seu voto de castidade, cumprindo-o ao longo da demanda e fazendo com que sua conduta não fosse desviada, como a do cavaleiro Lancelote.

2.3. Lancelote – o cavaleiro cortês

Lancelote é um cavaleiro honrado da corte do Rei Artur, mas que perdeu sua dignidade por possuir o que se chama de amor cortês à rainha Guinevere. Dentre suas qualidades, as que mais se destacaram foram o bom porte das armas e sua humildade, por reconhecer que as qualidades do filho (Galahad) superariam as suas.

Com origem nas poesias trovadorescas do século XI, denomina-se amor cortês a estrutura de um amor de um cavaleiro solteiro por uma mulher casada, fazendo com que seu sentimento seja criticado pela moralidade. De acordo com Duby, “na sua extrema delicadeza, o amor não podia ser do clérigo nem do plebeu. Ele caracterizava, entre as pessoas da corte, o cavaleiro” (DUBY, 2011, p.74).

O autor afirma ainda que “o amor cortês ensinava a servir e servir era o dever do bom vassalo”, fazendo com que “dois oponentes” façam parte de um jogo, no qual “o vilão era excluído” (idem, ibidem). Nesse sentido, a mulher tem uma posição social superior à do homem, condição que o colocava na posição de vassalagem.

Lancelote, a princípio, era o melhor cavaleiro da corte arturiana. De acordo com *A Demanda*, ele sustentou esse título por vinte e cinco anos, até que a chegada de Galahad e o seu relacionamento com a mulher de seu amigo o distanciaram do encontro do “Santo Vaso”.

No início da *Demanda*, uma jovem aparece com uma espada, solicitando que cada cavaleiro a retirasse da bainha e informando que a arma sangraria diante do cavaleiro que, segundo ela, não poderia participar da busca “sob pena de provocar terrível mortandade entre os próprios companheiros” (GALDINO, 2000, p. 22). Nada acontecendo com a retirada pelos demais cavaleiros, o feito se dá quando Lancelote saca a espada da bainha.

Lancelote tenta se redimir ao enxergar o Graal, através dos sacramentos cristãos da confissão e da penitência: “Ontem à noite, após ouvi-lo em confissão, eu o absolvi. Agora lhe aplico a penitência. O senhor não comerá carne nem tomará vinho. E acima de tudo não tire essa camisa de crina do seu corpo” (GALDINO, 2000, p. 83).

Ele o vê e, desde então, tenta reconstruir sua trajetória na demanda, como um cavaleiro “padrão” da corte. Lembrando-se do código de cavalaria, para alcançar o mistério do Graal, é preciso manter a postura estabelecida pelo próprio rei e pela sociedade. Conforme explicita Arias (2010):

Com alguma frequência é apresentada para nós, nos dias atuais, a imagem idealizada de cavalaria medieval como a de um grupo formado por homens de elevada conduta moral e ética, voltados à proteção dos fracos e oprimidos, com uma fidelidade inabalável ao seu senhor ou rei e à palavra dada em juramento (ARIAS, 2010, p.11).

Lancelote, provando da “fruta proibida”, foi banido da busca pelo Santo Graal. Contudo, recorrendo à obra *Lancelote, o cavaleiro da carreta*, pode-se perceber que o cavaleiro vivia um amor cortês (ou *fine amour*) junto à rainha. Amor esse que o fez passar por diversas provas, colocando sua própria dignidade em questão.

A história conta que o Rei Artur entrega sua esposa a Keu, que a leva até Meleagante (filho do Rei Baudemaguz), junto a outros cavaleiros e famílias. Para conseguir sua dama de volta, Lancelote precisou subir em uma carroça, tida para muitos como o símbolo da infâmia, mas que, no entanto, era a única maneira de cumprir sua missão. O “vilão” da *Demanda* hesita, mas prova seu amor, subindo na carroça:

Inicialmente, é convidado a viajar numa carroça, fato considerado ultrajante para um cavaleiro, para que pudesse saber o paradeiro da rainha raptada. Como esta era a “carroça da infâmia” destinada aos condenados, ele titubeia pelo espaço de “dois passos” antes de consentir em ser transportado dessa forma, mostrando que faria tudo o que estivesse ao seu alcance por amor à sua dama (ZIERER, 2015 p. 6).

O amor do cavaleiro não para por aí: Lancelote teve sua “fidelidade” testada quando uma donzela propõe que ele durma com ela em troca de uma noite no castelo. O cavaleiro a salva de um estupro, mas não consegue se deitar com ela, pois seu coração pertencia à rainha. Mesmo sendo solteiro, “o cavaleiro só tem um coração e este não lhe pertence mais. Foi entregue a alguém e, assim, ele não pode de forma alguma dá-lo a outrem. Amor, que reina sobre todos os corações o faz permanecer fiel” (TROYES, 1994, p. 44).

Em busca da rainha, Lancelote tem momentos de honra, como a remoção da lápide que libertaria os outros prisioneiros e a travessia da Ponte da Espada. Honra essa que costuma ser atribuída a Artur e Galahad na *Demanda do Santo Graal*.

A contraposição das duas narrativas revela o dilema do próprio amor cortês: de um lado, a face do jogo enquanto estrutura narrativa – que continua sendo sob uma ótica masculina – na qual Guinevere é a peça central entre os dois cavaleiros – e de outro, a questão do amor verdadeiro em oposição ao sacramento instituído pela Igreja.

Enquanto na ótica da *Demanda*, essa estrutura fere a moralidade de Lancelote e da rainha (por se tratar de um adultério) em *Lancelote, o cavaleiro da carreta*, o cavaleiro demonstra que faz parte desse jogo, salvando a rainha mesmo com a sua dignidade em risco, pois, como afirma Duby (2011, p. 69) o perigo era o coração do esquema.

O que há de comum nas duas narrativas é o erotismo que faz parte desse amor cortês, que ora condena o cavaleiro, ora o honra. Conforme afirma Barros (2001, p. 221) “deleita, mas faz sofrer, aprimora mas fragiliza, erotiza mas idealiza, educa mas enlouquece, submete mas enobrece”.

3. A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA DEMANDA

Embora o código de cavalaria seja um ideal importante para o Graal, é necessário perceber que durante a leitura de *A Demanda do Santo Graal*, a figura feminina é uma representação do pecado e, assim como aconteceu com Eva – de acordo com a Bíblia – a mulher é uma espécie de “portal” para o inferno: “A mulher é Eva, portanto, o perigo. Não por ser limitada, crédula, em primeiro lugar. Mas porque, como a companheira de Adão, a mulher incita os homens a gozar oferecendo-lhes o fruto proibido” (DUBY, 2013, p. 241).

É possível perceber o desprezo pela figura feminina através da construção narrativa da *Demanda*, que na maioria das vezes apresenta as mulheres de maneira anônima – apenas como jovem ou donzela – conforme pode ser percebido, por exemplo, quando a mensageira do Rei Pelles chama Lancelote para apresentar Galahad. “De repente, topou com a figura de uma jovem desconhecida. Apesar de formosa e bem vestida, vinha a pé. Devia tratar-se de uma mensageira (...) (GALDINO, 2000, p. 7). Em contrapartida, um cavaleiro que não era da corte de Artur (portanto, não tão importante) recebe o nome de Amador (idem, p. 33).

Também no início da obra, há a proibição da busca pelo graal pelas mulheres, em nome da “pureza” masculina. “Cavaleiros, vocês juraram pelo santo Graal. E nessa expedição só se deve ir com o coração puro. Portanto, as damas devem ficar” (GALDINO, 2000, p. 23).

Além disso, as mulheres da *Demanda* possuíam um comportamento desagradável diante da conduta cristã. Eram elas quem se ofereciam aos cavaleiros com uma paixão desenfreada, cometendo suicídio após a serem renegadas por eles, como acontece no episódio de Boorz e de Galahad.

A demonização da mulher atinge seu auge com a alegoria da besta ladradora, que despertou a curiosidade dos cavaleiros até ser desvendada a Galahad pelo rei Pelles. A besta foi gerada pela filha do rei Hipômenes devido ao seu amor pelo irmão – o que caracteriza o incesto – que é condenado pelo cristianismo.

Na narrativa, após ser renegada, a donzela faz um trato com o demônio e lhe oferece o próprio sexo em troca da morte do irmão “(...) Deitou-se com o diabo e sentiu um prazer tão intenso que esqueceu do amor pelo irmão” (GALDINO, 2000, p.115).

Antes de conseguir o que queria, o príncipe a amaldiçoa, desejando que o seu filho seja gerado com a própria face do demônio “(...) - Do seu ventre, irmã, nada sairá que lembre minha pessoa (...) e, por causa de tal descendência, dele sairá a besta mais descomunal que já se viu (idem, p.117).

A intrigante figura feminina levanta os seguintes questionamentos: o que, de fato, afastou Lancelote do Graal? Por que a figura feminina precisou ser afastada para o encontro do Sagrado? No que o ato sexual seria capaz de distanciar o homem de Deus? As respostas giram em torno das origens do significado do Graal e o mistério envolvido no “cálice”.

Com uma análise mais detalhada sobre esses mistérios, percebe-se que algumas mulheres têm papel importante. Papel esse que não é tão explorado quanto o código de conduta dos cavaleiros e as batalhas travadas na era medieval, devido à expansão do cristianismo que ocorria naquela época.

Analisando esses pontos, é possível perceber que tanto na *Demanda do Santo Graal* quanto na doutrina cristã medieval existem muitos segredos envolvendo a figura da mulher. Algumas dessas incógnitas serão aqui destrinchadas.

3.1. Anchoret – a dama escolhida

Diferente das outras mulheres da *Demanda*, Anchoret – a irmã de Percival – possui um papel de extrema importância na busca do Graal. Anchoret é uma donzela respeitada, de grande sabedoria e eloquência – o que certamente faz parte do diferencial em relação às outras mulheres – e, para não ferir a conduta da corte medieval, é virgem.

Conforme mencionado anteriormente, a mulher possui um papel negativo na busca do Graal, pois é sempre a responsável pelo desvio dos homens. Anchoret, contudo, auxilia Galahad na busca, fazendo parte de dois grandes momentos: a troca da bainha da espada e a cura da senhora do castelo.

Sobre o primeiro momento, a irmã de Percival chama Galahad para “a aventura mais emocionante que qualquer mortal já viu” (GALDINO, 2000, p. 94) e o encaminha para uma embarcação ao encontro de uma nobre espada, que continha a seguinte mensagem: “Ninguém jamais foi capaz de me empunhar. E ninguém o será, a não ser um único cavaleiro, que sobrepujará todos os que vieram antes e os que virão depois dele” (GALDINO, 2000, p. 95).

A lenda ainda conta que Boorz e Percival tentaram empunhar a espada, porém sem sucesso, visto que ambos são “levemente maculados”, como também já foi aqui relatado. A espada possuía um pedaço de bainha com uma outra mensagem: “Não permita que nenhum homem me tire da bainha, a não ser que ele possa superar a qualquer outro em coragem” (idem, ibidem).

Além de ser a única a ter o conhecimento sobre a lenda da espada (que trata também da doença do rei Pelles), Anchoret é digna de fazer a troca do cinturão da espada para entregá-la a Galahad, pois de acordo com uma terceira mensagem, apenas “uma moça, filha de rei e rainha, que não tenha nunca pecado” (idem, p. 96) era capaz de realizar a troca.

A segunda aventura, ainda mais dramática, diz respeito à cura da esposa de um velho ancião. Após chegarem em um cais escondido, se depararam com dez cavaleiros travando batalha por quererem o sangue da irmã de Percival para a cura da senhora. Para o sucesso da aventura, o ancião solicita a trégua na batalha e recebe os cavaleiros e a dama em seu castelo, explicando o porquê da ordem de retirada de sangue de uma dama pura.

Sem hesitar, Anchoret se propõe a doar o sangue, mesmo custando a própria vida. No entanto, mesmo sob os últimos suspiros, anunciou que os cavaleiros deveriam ir até Corbenic para encontrar o Santo Graal.

Assim sendo, mesmo que haja certa abnegação da parte da figura da donzela nas obras medievais (como a ausência do seu nome em muitas versões), seu papel de mulher eloquente, sagaz e sábia auxilia tanto Galahad quanto Lancelote nas suas estradas. Com isso, percebemos a importância de uma mulher na busca pelo Graal.

3.2. A rainha Guinevere

Considerada a personagem mais maculada da *Demanda do Santo Graal*, Guinevere é uma personagem que desperta muito interesse. Em primeiro lugar, para conhecer mais a fundo sobre a rainha, é necessário entender o seu nome. Guinevere é originado de *Gwenhwyfar*, a “Deusa virginal da soberania e da fertilidade³”. A deusa virginal, na *Demanda*, é encoberta pela ideologia da mulher pecadora. Além disso, foi através dela que Artur pôde se tornar rei, pois “A antiga tradição Celta diz que para um homem ser rei, deve estar casado com a Deusa, daí se dá o desespero do rei para que ficassem juntos⁴”.

O mais intrigante em Guinevere é o seu total apagamento na obra. Ela é apenas a mulher infiel do rei Artur, a que faz Lancelote não vislumbrar o mistério do Graal. A única fala da rainha na obra diz respeito a uma visão do seu amante, que a vê no fogo do inferno, dizendo: “(...) maldito

3 <https://www.santuariolunar.com.br/gwenhwyfar-deusa-da-soberania-e-do-julgamento/>

4 idem

seja o dia em que eu o conheci. Você é o culpado do meu sofrimento. Por sua causa, fui condenada ao fogo do inferno” (GALDINO, 2000, p.105).

Mas se Boorz e Percival que cometeram leves erros permaneceram, por que o amor de Lancelote o prejudicava? A resposta está no simples fato de Guinevere ser a representação de um poder feminino, que estava sofrendo o seu apagamento e representado nas novelas de cavalaria, sobretudo as do ciclo arturiano. Conforme explicita Carneiro (2006),

Relegada à insignificância, a mulher medieval, representada pelas personagens selecionadas da Demanda, posicionou-se à esquerda do Criador, ou abaixo na balança das forças dominantes. Igualmente, esta mulher representa apenas uma das extremidades do dualismo humano: o Mal. Mesmo tendo sido, por vezes, exaltada na obra, tais passagens limitam-se à descrição de beleza, mais física do que moral. (CARNEIRO, 2006, p. 159)

3.3. Morgana – a sacerdotisa de Avalon

Com a ascensão do Movimento Feminista datado entre 1960 e 1990, (principalmente com a Segunda Onda do movimento em 1968) e o Neopaganismo ascendente em 1960⁵, Marion Zimmer Bradley retoma o tema das novelas de cavalaria sob um olhar feminino, narrado por Morgana. Nesse sentido, o misticismo feminino (e pagão) é visto com maior ênfase, em detrimento aos combates travados pelos cavaleiros observados na *Demanda do Santo Graal*.

Morgana foi uma importante personagem das lendas sobre o Rei Artur, pois era sua meia irmã. Todavia, ela tem uma única aparição na *Demanda*, na qual estava possuída por mais de mil demônios: “Vestida apenas com uma pele de lobo, ela gemia de dor. E, de fato, uns mil demônios, pelo menos, se compraziam em torturá-la (GALDINO, 2000, p.105).

Marcada por sua maldade e por ser a responsável pela destruição de Camelot, Morgana era a chefe-sacerdotisa de Avalon (uma ilha criada por Merlin, cujo nome significava “Ilha das maçãs⁶”). Ela também era considerada a amante do Rei Artur:

5 Cf PAES, Ana Carolina Lamosa. *As Brumas de Avalon (1982): um olhar feminino sobre o mito Arturiano*. 30º Simpósio Nacional de História. Recife: 2019 (p. 2).

6 <https://alquimiadaalma.com.br/avalon-a-lendaria-ilha-criada-por-merlin-regida-por-morgana/>

Em vida, chamaram-me de muitas coisas: irmã, amante, sacerdotisa, maga, rainha. Na verdade, cheguei agora a ser maga, e poderá vir um tempo em que tais coisas devam ser conhecidas. Verdadeiramente, porém, creio que os cristãos dirão a última palavra. O mundo das fadas afasta-se cada vez mais daquele em que Cristo predomina. Nada tenho contra o Cristo, apenas contra os seus sacerdotes, que chamam a Grande Deusa de Demônio e negam o seu poder no mundo. Alegam que, no máximo, esse seu poder foi o de Satã. Ou vestem-na com o manto azul da Senhora de Nazaré - realmente poderosa, ao seu modo -, que, dizem, foi sempre virgem. Mas o que pode uma virgem saber das mágoas e labutas da humanidade? (BRADLEY, 1987 p. 5)

Na obra de Marion, Viviane, a Dama do Lago, retorna à Avalon ao lado de Merlin para avisar sobre a expansão do cristianismo na Ilha, fazendo com que ela desapareça nas brumas do Mar de Verão, ficando à vista apenas a Ilha dos Padres.

Morgana era filha de um casamento arranjado entre Igraine com Goulous, Duque de Cornualha. A sacerdotisa era também sobrinha de Viviane, a Dama do Lago. Viviane foi a responsável por ter a visão de que sua irmã daria à luz o rei que finalizaria as batalhas contra os saxões. Para que a visão se realizasse, era necessário que Igraine se casasse com Uther Pendragon, e assim ocorreu.

A esposa de Merlin treina sua sobrinha em Avalon e, após um dos rituais, faz com que ela e Artur tenham uma relação sexual sem que saibam das suas verdadeiras identidades, o chamado Casamento Sagrado (o *Hieros Gamos*, sendo *gamos* a etimologia da palavra monogamia). De acordo com a mitologia pagã, esse casamento é responsável pela união entre o deus e a deusa (o rei e a terra). O objetivo do feitiço foi restabelecer a descendência pagã no reinado. Ato terrivelmente condenado pelo cristianismo, por se tratar de um incesto. Esta relação resultou no nascimento de um menino chamado Mordred.

Avalon é uma espécie de portal das deusas, onde habitavam as mulheres que possuíam o dom da alta magia. Foi também nessas terras que a *Excalibur* foi forjada e que a sacerdotisa cura o rei de uma ferida adquirida em uma batalha contra seu filho Mordred:

As sacerdotisas conheciam os mistérios e as forças da natureza, conheciam a magia, sabiam as ervas certas para cada tipo de problema ou até mesmo cura, sabiam os mistérios do céu e das estrelas, apaixonados pela música e pela arte. Lá, Merlin se ensinava a seus sacerdotes a antiga tradição e mantinha a glória das Deusas e dos Deuses viva⁷

⁷ <https://alquimiadaalma.com.br/avalon-a-lendaria-ilha-criada-por-merlin-regida-por-morgana/>

Vindo de uma linhagem sacerdotal, o que Morgana defende é a permanência de um culto às deusas, ou seja, a permanência da raiz celta que pertencia àquele reino. Com sua sabedoria, ela entendia que todas as deusas da Antiga Religião foram unificadas em uma só pelo cristianismo – A Virgem Maria. Com a expansão da nova religião, contudo, fecharam-se os portões de Avalon, pois segundo Morgana, só a expansão do pensamento consegue conduzir o viajante até lá:

Houve um tempo em que um viajante, se tivesse disposição e conhecesse apenas uns poucos segredos, poderia levar sua barca para fora, penetrar o mar do Verão e chegar não ao Glastonbury dos monges, mas à ilha sagrada de Avalon; isso porque, em tal época, os portões entre os mundos vagavam com as brumas e estavam abertos [...] E agora os padres, acreditando que isso interfere no poder do seu deus, que criou o mundo para ser de definitivamente imutável, fecharam os portões (BRADLEY, 1987 p. 10).

3.3.1. As Brumas de Avalon e a retomada dos símbolos pagãos

Em *As Brumas de Avalon*, Marion retrata o processo de cristianização na Bretanha, mas retoma a simbologia celta, demonstrando como era a relação entre as duas culturas:

Os padres nos fizeram um juramento, há quatrocentos anos, antes mesmo que os romanos chegassem e tentassem conquistar-nos, de que nunca se levantariam contra nós ou nos expulsariam com armas, pois estávamos aqui antes deles, que eram os suplicantes e fracos. Cumpriram o juramento, sou obrigado a reconhecer. Mas, em espírito, nas suas orações, nunca cessaram de lutar contra nós, para que seu deus expulsasse os nossos deuses, sua sabedoria predominasse sobre a nossa (IDEM, p. 26).

O paganismo celta está representado desde os nomes dos personagens. A origem do nome de Igraine é *Grainné*, Deusa dos fogos de Beltane. Ela também foi chamada de *Morgan* (coincidindo com o nome da filha), que é o título de sacerdotista, cujo significado é “mulher vinda do mar”. Guinevere, mesmo sendo cristã, também foi chamada pelo seu nome original (*Gwenhwyfar*).

Artur e Lancelote também recebem nomes celtas. O primeiro era chamado de *Gwydion* (o brilhante), mas devido à criação cristã, recebeu o nome de Artur. Lancelote (que é Galahad), por sua

vez, era denominado *Alfgar* (a flecha duende). Morgana conta uma importante lenda, de que quem conhece o verdadeiro nome de alguém tem o poder de controlar o seu espírito (IBIDEM, p. 202).

A mitologia celta também pode ser observada nos ritos como as fogueiras de Beltane (período em que acontecia o Casamento Sagrado) e o Samhain, nome que o padre que tomava conta da casa de Igraine solicitou alterar para Dia de Todos os Santos. Também foi solicitada a proibição da comemoração do solstício de inverno, conhecido como Yule.

O objetivo dos ritos era não permitir o apagamento da Ilha Sagrada, pois os habitantes dela entendiam que o cristianismo apenas uniu os deuses em um só e atribuiu as deusas à Virgem Maria. Além disso, os sacerdotes de Avalon observaram que o cristianismo ressignificou rituais pagãos, como pode ser observado na passagem em que Igraine compara o enterro ao sacrifício no altar de sangue do Grande Corvo: “Os cristãos diziam-se livres das superstições dos druidas, mas tinham as suas, e Igraine as achava mais deprimentes, por serem estranhas à natureza” (IBIDEM, p. 73).

Uma passagem importante sobre a relação paganismo x cristianismo é a que Merlin conta que Jesus estudou no templo dos druidas (o Templo do Sol) e repetiu o sacrifício do Mistério do Deus sacrificado, “mais antigo do que a própria Bretanha” (ibidem, p. 156). Ele demonstra que antes da romanização, a relação entre cristãos e pagãos era mais ambivalente, mas que depois ocorreu a queimada dos seus bosques sagrados, sendo necessário retirar Avalon da visão dos homens.

É possível observar, com isso, que Marion Zimmer Bradley retoma as origens da cultura da Bretanha, demonstrando como ocorreu o processo de cristianização e que, mesmo após a sua consolidação, determinadas datas e acontecimentos cristãos originaram do paganismo.

4. O SIMBOLISMO DO GRAAL

Como pode ser percebido, o Santo Graal é um objeto mítico e, por isso, muitas são as leituras envolvendo-o. Embora a lenda indique que se trata do vaso contendo o sangue de Cristo, muitas escolas filosóficas (como a Maçonaria⁸ e a Rosacruz⁹) defendem outras percepções acerca desse mistério. Algumas dessas alegorias serão aqui destrinchadas.

Conforme dito anteriormente, a história se passa na transição entre o paganismo e o cristianismo, contendo alegorias de ambas as partes. Um exemplo disso é o fato de que o próprio rei possui um mago como conselheiro, mantendo viva a tradição pagã.

De acordo com o paganismo, o Santo Graal era um caldeirão com poderes mágicos, fornecendo alimento com novos sabores e fôlego de vida aos que consagravam. Alguns pagãos acreditavam que o sagrado objeto era capaz de fazer alguém voltar à vida.

Algumas obras medievais já apontavam determinados objetos sagrados, conforme observado no poema *Preideu Annwyn* (Os despojos de Outro Mundo), em que Artur vai a Outro Mundo em busca do “caldeirão da abundância”, porém, sem sucesso:

Eu sou renomado, resplandecente é minha canção, que era ouvida.
 No Forte dos Quatro cantos, Quatro lados
 minha poesia foi lançada fora do caldeirão
 Pelo sopro de nove donzelas ele foi desperto.
 Era o caldeirão do Chefe do Outro Mundo que foi procurado — uma crista de pérolas
 [estava] em volta de sua borda.
 Ele não cozinha a comida de um covarde, não está destinado a isso.
 [...] e quando fomos com Artur — uma tarefa brilhante —, exceto sete, ninguém voltou da
 Fortaleza da Intoxicação. (Preideu Annwyn, 1995: 290-291 apud ZIERER, 2002, p. 58).

Outro exemplo é o Poema *Parsifal* (1204), de Wolfran von Eschenbach, em que o tesouro era uma pedra que caiu do céu na briga entre Lúcifer e Deus. “Na sua visão, o Graal (*Exillis*, *Lapis Exillis* ou *Lapis ex Coelis*), que significa ‘pedra caída do céu’ teria relação com as forças cósmicas”. (GÓES, 2006, p. 151).

⁸ Cf Leadbeater, C. W., 2012, p. 22

⁹Cf Baigent, M; Leigh, R; Lincoln H., 1982, p. 105

Uma perspectiva semelhante gira em torno da obra *Le conte du Graal*, de Chrétien de Troyes, em que o graal é uma espécie de escudela (remetendo ao caldeirão), mas o buscador era Percival e não Galahad.

As escolas herméticas (como a Ordem Rosacruz e as ordens templárias) acreditam que o cálice é um símbolo místico que representa a retomada da força feminina ao universo, trazendo de volta o equilíbrio que o cristianismo romano destituiu. Essa ideia é defendida pelo budismo através do *yin* e *yang* e do próprio paganismo que cultuava deuses femininos e masculinos. Essa força é representada pela natureza, a qual os pagãos chamam de Gaia (ou mãe Terra). Essa força é capaz de trazer ao homem um nível superior de consciência, que eles consideram como divina.

A árvore é quase toda carbono puro. Mas de onde ela tira esse carbono? Do dióxido de carbono exalado pelo animal e pelo homem. Em outras palavras: a cada respiração, jogamos fora aquilo que, se conservado, faria nosso corpo duradouro. Em que se transforma a árvore? Dentro de alguns milênios converte-se em carvão - ou carbono preto. E a substância mais durável e mais saudável sobre a Terra é o carbono branco - ou diamante. Se pudéssemos descobrir um meio de reter o carbono que exalamos, e não converter-nos-íamos naquilo que os hindus chamam de Alma Diamantina - o perfeito corpo imortal. Estaríamos produzindo o que os Rosacruzes denominam de Pedra Filosofal, que é o Elixir da Vida, a panacéia para todos os males do mundo¹⁰.

Uma vertente curiosa, contudo, é a de Dan Brown, autor de *O Código da Vinci*. De acordo com Brown, o feminino restituído pelo Graal gira em torno da Noiva Perdida. Ou seja, o cálice teria a ver com a descendência de Jesus, que foi mal interpretada (ou mal disseminada) pelo cristianismo. Essa teoria dá origem a um conjunto de segredos escondidos pela igreja católica, porém defendidos pelos templários. Para esta versão, será analisada a linhagem sagrada mais detalhadamente a seguir.

O que há em comum em todas essas vertentes é a ideia de que o Graal é sagrado e capaz de dar ao homem uma sabedoria divina. Independentemente do que é encontrado por quem o busca, esse objeto místico é um portal capaz de levar ao homem a uma versão melhorada e mais consciente de si mesmo e isso o levaria a uma (possível) vida eterna.

¹⁰ http://www.christianrosenkreuz.org/mh_cr_conferencia17.pdf

5. OS MISTÉRIOS DO GRAAL — A LINHAGEM SAGRADA

Para entender os mistérios do cálice sagrado, foi necessário recorrer à Linhagem Sagrada do Santo Graal. A lenda gira em torno de uma pequena cidade na França (Rennes-le-Château), onde um padre chamado Berenger Saunière ficou exilado e estudou latim, grego e hebraico.

Ao lado de sua governanta Marie Denarnaud e seu amigo Henry Boudet, o pároco reuniu fundos para a reforma de sua igreja e enquanto estava removendo o altar, se deparou com o estado de uma das colunas. Ao observar o interior da coluna diferente, Saunière encontrou quatro pergaminhos. Dois desses quatro pergaminhos possuíam mensagens em Latim, porém um deles possuía um estranhamento nas letras e a mensagem possuía uma – praticamente indecifrável – sequência de códigos:

BERGERE PAS DE TENTATION QUE POUSSIN TENIERS GARDENT LA
CLEF PAX DCLXXXI PAR LA CROIX ET CE CHEVAL DE DIEU J'ACHEVE CE
DAEMON DE GARDIEN A MIDI POMMES BLEUES.*

* Pastor, nenhuma tentação. Que Poussin, Teniers possuem a chave. Paz DCLXXXI (681). Pela cruz e seu cavalo de Deus, eu completo (ou destruo) este demônio do guardião ao meio-dia. Maçãs azuis. (BAIGENT et al,1982, p.11).

O outro, por sua vez, possuía uma mensagem mais clara: A DAGOBERT ROI ET A SION EST CE TRESOR ET IL EST LA MORT.* (A Dagobert rei e a Sion pertencem este tesouro e ele está aqui morto) (IDEM, ibidem). Ludenbergue Goes, autor de *ABC do Código da Vinci*, relata ainda que haveria um quinto pergaminho, que falava da ceia na casa de Lázaro, onde Maria Madalena lavou os pés de Jesus (GOES, 2006, p. 266).

Levando sua descoberta até o bispo Carcassone, o padre foi levado a Paris, onde conheceu Emile Hoffet, um ocultista que possuía habilidades suficientes para auxiliá-lo em sua descoberta. Retornando à cidade dos pergaminhos, Saunière reformou sua igreja, porém com “estranhos comportamentos”.

Saunière enriqueceu de maneira extravagante e misteriosa, deixando sua igreja com simbologias também diferentes aos olhos cristãos:

Saunière levou os pergaminhos para serem analisados pelas autoridades eclesiásticas de Paris. Não se sabe o que aconteceu, mas ele voltou para Rennes-Le-Château com muito dinheiro. Ampliou a estrada que levava à cidade, construiu uma casa chamada Torre Magdala e uma casa de campo. Terminou a reforma da igreja e deixou alguns detalhes capciosos na construção. A pia de água benta é sustentada por uma estátua de Asmodeus (demônio de três cabeças da literatura judaica, responsável por separar casais e promover o adultério). Os vitrais da igreja mostram a Via Sacra e, em uma imagem, há uma criança com saio escocês observando a crucificação(...) ¹¹.

Esse enriquecimento intrigou as autoridades clericais da época, que o acusavam de chantagear a igreja católica com seu poderoso mistério. Exonerado pelo novo bispo, o padre buscou ajuda ao Vaticano, que o recebeu de volta.

No dia dezessete de janeiro, o padre entra em um estado de derrame cerebral, falecendo cinco dias depois. No entanto, cinco dias antes seu caixão havia sido encomendado pela governanta Marie, que ficou com toda a sua fortuna após a morte, mas que terminou a vida pobre para não desvendar os mistérios do padre. De acordo com Ludenbergue, quando houve a troca da moeda francesa, ela preferiu queimar e rasgar seus francos velhos para não revelar o quanto possuía, assim como também não revelou quem comprou a Villa Bethania (ou Torre Magdala) (GOES, 2006, p. 317-318).

O que fica subentendido, dessa forma, é que Saunière encontrou um tesouro perdido. Tesouro esse de origem celta, da época pré-histórica:

Nos tempos pré-históricos, por exemplo, a área ao redor de Rennes-Ie-Château era considerada sítio sagrado pelas tribos celtas que viviam por perto. A cidade em si, antes chamada Rhédae, deriva seu nome de uma dessas tribos. Nos tempos modernos, uma comunidade grande e promissora ocupara a área, importante por suas minas e fontes termais terapêuticas. Os romanos também consideravam sagrado o local. Mais tarde, pesquisadores ali encontraram traços de templos pagãos. (BAIGENT, et al, 1982 , p. 18).

Além disso, Rennes-Ie-Château foi alvo de uma cruzada chamada Albigense, a fim de exterminar as heresias cátaras existentes na cidade, que foi dizimada e posteriormente destruída por catalães. Contudo, o espírito aventureiro das buscas por tesouros sagrados perdurou por toda a idade média.

O mais intrigante, contudo, é que para os cátaros, Maria Madalena (condenada pelo cristianismo como prostituta) possui papel fundamental, pois segundo eles, ela é quem guarda os

¹¹ <https://super.abril.com.br/historia/jesus-cristo-teve-filhos/>

mistérios do cálice sagrado. É por isso que a cruzada Albigense foi enviada à cidade francesa: o intuito era pôr fim a uma “sucessão messiânica de Maria Madalena”. Segundo Walter Jorge:

Em alusão ao centro de Languedoc, Albi, a campanha foi chamada da Cruzada Albigense – ao menos é o que se diz. Porém, o nome tem uma implicação muito mais importante. “Albi” era, na verdade, uma variante da antiga palavra provençal “yilbi” (uma elfa); os catáros referiam-se à sucessão messiânica de Maria Madalena (o “Sangréal”: Santo Graal) como os “Albi-gens”: a linhagem dos elfos¹².

Dessa forma, muito transparece que as “chantagens” do padre Saunière à igreja possam ter referência aos mistérios do santo Graal, que agora é possível constatar que envolve Maria Madalena.

Margaret Starbird levanta um estudo do termo francês *Sangréal* — *o sangue real*. A escritora levanta a hipótese de que o vaso que carrega o sangue real pode ser o próprio útero de Maria Madalena. Ou seja, o graal seria um descendente de Jesus, carregado por Madalena:

Outras narrativas creditam a José de Arimatéia o ato de ter “transportado” o sangue de Jesus àquela região em uma espécie de vaso. Talvez tenha sido Maria Madalena, sob a proteção de José de Arimatéia, que de fato tenha conduzido a descendência da linhagem real do rei Davi à costa francesa do Mediterrâneo. Quem era essa Maria, conhecida dos primeiros cristãos como “a Madalena”? E como ela poderia ter levado o sangue real para a França? O sangue real poderia ter sido levado em um recipiente terreno, um “vaso de barro” (2 Coríntios 4:7)? E se esse “vaso” fosse (o próprio útero de) uma mulher? (STARBIRD, 2004, p. 16)

De acordo com a autora, a descendência de Maria Madalena e Jesus seria capaz de restaurar o templo de Sião, formando um novo reinado, tal qual indicavam os pergaminhos encontrados por Saunière. Isso porque José de Arimatéia, o protetor do Graal, teria levado Maria Madalena ao Egito, onde deu à luz a uma menina chamada Sara. Logo após, decidiu levar a provável esposa de Jesus e sua filha a uma cidade da França chamada Saintes-Maries-de-la-Mer, cidade essa que os ciganos do mundo inteiro fazem seus votos à Santa Sara Kali, a rainha negra. De acordo com Starbird e também com a cultura local, Sara era ancestral dos merovíngios franceses.

¹² http://www.caminhodesantiago.com.br/walter_jorge/santo_graal/28_santo_graal_xxvii.htm

A igreja católica procurou esconder a linhagem e a dinastia porque se perdurasse, o mundo inteiro a questionaria devido à crença de um Jesus puro e casto. No entanto, o reinado merovíngio cresceu e fundou a cidade de Paris. O vaticano enviou, dessa forma, missões para finalizar essa dinastia. A missão era denominada Graal.

O último rei merovíngio se chamava Dagoberto II (o qual Saunière também já havia descoberto), que foi assassinado na missão. O que o vaticano não sabia era que o seu filho escapara, sucedendo, assim, a linhagem. Seu descendente, Godofredo de Bulhão, deu origem ao priorado de Sião, cumprindo assim, o que dizia o pergaminho e a missão de Maria Madalena.

O Priorado de Sião sobreviveu ao extermínio dos Templários na sexta-feira 13 de 1307 e está ativo até hoje. Seus objetivos atuais são defender os documentos sobre o Santo Graal, a tumba de Maria Madalena e os poucos membros da linhagem merovíngia real que sobreviveram até os tempos modernos – ou melhor, a linhagem de Cristo¹³.

De acordo com essa teoria, o Graal seria a representação do resultado de outro Casamento Sagrado: o de Jesus e Maria Madalena, que daria continuidade a uma dinastia. Contudo, é uma das leituras possíveis, não sendo a considerada única e verdadeira.

13 <https://super.abril.com.br/historia/jesus-cristo-teve-filhos/>

6. LEITURA DOS PERSONAGENS

A leitura dos personagens é importante para a desmistificação do Graal. Várias leituras já foram realizadas, devido às diferentes perspectivas do tesouro. Aqui, portanto, serão apresentadas três leituras dos personagens da novela. Uma leitura cristã, uma leitura baseada na linhagem sagrada e uma leitura pagã.

6.1. A leitura cristã

A leitura cristã tende a assimilar o Rei Artur e o cavaleiro Galahad na posição de Deus e Jesus, devido ao ideal de perfeição exigido pelo código de cavalaria. Artur, na posição de Deus, espera a chegada do salvador que assumiria o lugar na Cadeira Perigosa e que estava destinado a encontrar o Graal. Tal leitura explica o motivo de tanto Artur quanto Galahad serem os únicos a retirarem a espada da pedra.

A narrativa geralmente conduz o buscador a encontrar o cálice que contém o sangue de Jesus. Logo, tanto Artur quanto Galahad são destinados a encontrá-lo, com o objetivo de restabelecer o império de Camelot. De acordo com a lenda, apenas o cavaleiro perfeito, casto e puro conseguiria alcançar o santo cálice. Boorz e Percival remetem aos apóstolos Pedro e João, pois não eram perfeitos, mas eram amigos fiéis do “salvador”, acompanhando-o até o fim de sua missão.

Similar à história de Jesus, a de Artur também precisava de um traidor. Lancelote é quem assume esse papel. Assim como Judas que era um discípulo como os outros e foi condenado pela traição ao seu mestre, Lancelote era um cavaleiro honrado, que foi condenado pelo seu amor à esposa de Artur.

Anchoret seria a representação da própria Virgem Maria, pois a sua pureza foi o destaque da obra, fazendo com que Galahad conhecesse a lenda da espada e curasse o Rei Pelles, além de encaminhá-lo ao Graal. Sendo este cavaleiro a figura do salvador, a irmã de Percival representa a figura que auxiliou Jesus até o cumprimento de sua missão.

Guinevere tem suas características semelhantes às de Maria Madalena, a prostituta. Assim como a rainha de Camelot, a rainha da tribo de Benjamim teve sua história distorcida pelo cristianismo, que escondeu toda a sua descendência real e disseminou sua história como profana.

6.2. Leitura baseada na linhagem sagrada

A leitura baseada na linhagem sagrada tem por perspectiva o Graal como sendo a linhagem de Maria Madalena, então os personagens necessitam de uma análise mais delicada. Os principais envolvidos nessa segunda leitura são: Artur, Lancelote, Galahad, o Rei Pelles e a rainha Guinevere.

Tendo em vista que o Rei Artur procura o Graal para estabelecer o seu reinado, pode-se dizer que se trata da própria igreja católica em busca do tesouro perdido. Tesouro esse que seria capaz de acabar com a predominância da religião, pois esconde o segredo de Maria Madalena e sua descendência.

O Rei Pelles seria a representação do povo português, que estava cego e ferido. Cego pela falta de conhecimento do tesouro perdido e por ter o costume de viver diante de idealismos (como o Sebastianismo) e ferido pelo próprio instinto de conquistar a paz pela guerra. O Rei Pelles também pode representar o próprio cristianismo ferido por conta de seu segredo, já que o Graal estava sob a sua custódia, mas ele não conseguia enxergar o mistério por estar cego. “Ele tocou no escudo proibido e foi castigado. Sua esperança é que Galahad pegue seu escudo e venha até a abadia. Só então sua cegueira será curada e suas feridas cicatrizarão” (GALDINO, 2000, p. 69).

Galahad seria o Jesus ideal, o messias disseminado pelo cristianismo. Puro, casto e perfeito. A figura de Galahad representa aquele que conseguiria trazer de volta a paz e a cura para o reinado de Camelot.

Sua outra face seria justamente Lancelote, que era o melhor cavaleiro até a chegada do messias. Lancelote representa o Jesus humano, ocultado pelo cristianismo assim como banido da busca pelo Graal. Em *As Brumas de Avalon*, Lancelote recebe o nome de Galahad, possibilitando, assim essa leitura.

6.2.1. Guinevere – a “Madalena” do Graal

Como relatado anteriormente, Guinevere possui semelhanças de cunho moral à Maria Madalena. A figura da “prostituta” do histórico cristão – embora não haja nenhum registro na Bíblia que comprove o fato – possui o seu lado “puro” apagado da história, porém subentendido em, pelo menos, duas passagens: A Noiva Perdida, em Cântico dos Cânticos e na Mulher do Vaso de Alabastro.

Ilustrando a passagem dos noivos, o livro menciona um “reencontro” entre o noivo e a noiva. Por mais que a história caracterize os cânticos como as passagens do Rei Salomão, a “noiva” é sempre representada como a igreja, a noiva de Cristo. Porém, um olhar minucioso é suficiente para entender que se trata de uma mulher, a (provável) mulher de Cristo.

Encoberta pela névoa do tempo, ela aguarda sozinha no jardim, velada, seu nome obscurecido, a desamparada Rosa. Contraparte perdida do Logos, a Palavra, Filho do Pai, razão e justiça, eterno Ele. Eros esquecido, Eros apaixonado, Eterna Ela, deixada, prostrada, no chão. "A Noiva é tão negra porém formosa - quanto as tendas de Quedar. Não olhe para ela, pois que é morena, o sol crestou-lhe a tez. Lavrou nos vinhedos do irmão, e a própria videira não guardou" (Cântico dos Cânticos 1:5-6).

Destrinchando a lenda do Vaso de Alabastro, Margaret Starbid observa que a mulher de Betânia que ungiu Jesus segundo o evangelho de Mateus¹⁴ possui uma referência pagã:

A unção realizada pela mulher em Betânia era similar a uma conhecida prática ritual das sacerdotisas sagradas, ou "prostitutas" do templo, nos cultos às deusas do Império Romano. E até o termo "prostituta" é uma denominação imprópria. Essa palavra, escolhida pelos tradutores modernos, é empregada para *hierodulare*, ou "mulheres sagradas" do templo da deusa, que desempenhavam um papel expressivo no dia-a-dia do mundo clássico. Sua importância como sacerdotisas da deusa tem origem no período neolítico (7000-3500 a.C.), quando Deus era honrado e amado como *feminino* nas terras hoje conhecidas como Oriente Médio e Europa (STARBIT, 2004, p. 18).

De acordo com Duby (2013, p.24), “João Evangelista (...) precisa que a portadora do perfume se chamava Maria. Era a irmã de Marta e Lázaro, amigos íntimos do Nazareno”. Ainda segundo o autor, unção semelhante ocorreria pela própria Maria Madalena e outras mulheres após a morte de Jesus, ato comum após a morte de alguém. “No entanto, elas tiveram de esperar o fim do sabá para comprar os perfumes. Na manhã da Páscoa, ao amanhecer, voltaram ao sepulcro e o viram aberto, com a pedra afastada” (IDEM, p. 23).

Segundo Starbird, a Maria de Betânia foi mal interpretada pelo cristianismo. Logo, a sacerdotisa do amor, a que lavou os pés de Jesus, foi tratada como prostituta. Bem como Guinevere, que era a sacerdotisa da fertilidade e recebeu a fama de adúltera.

14 A Bíblia Sagrada: Mateus (26:7)

Podemos ver, dessa forma, que além da Linhagem Secreta do Graal que resiste à força do cristianismo, a história de uma mulher aparentemente importante para Cristo também foi expandida de maneira intencionalmente errônea. Com essa perspectiva, torna-se possível pensar na hipótese de que, assim como Maria Madalena, a rainha Guinevere – ou deusa *Gwenhwyfar* – foi vítima de um processo inquisitivo que retirou o poder feminino de cena, afastando também o seu amado Lancelote – o “Jesus humano” – do sagrado cálice.

6.3. Leitura pagã — a deusa tríplice

Na Antiga Religião, a lua era a representação do princípio feminino, pois era o símbolo da fertilidade. As mulheres acompanhavam seus próprios ciclos através das fases lunares. “A mulher menstruava próximo à lua nova, em sua fase minguante e ovulava perto da lua cheia” (FAUR, 2001, p. 340). Era, portanto, considerada a Grande Mãe e cultuada nas formas das deusas Ártemis-Selene-Hécate. “Mais tarde, houve a transformação das deusas lunares em deusas da terra e água” (Idem, p.341). Ainda de acordo com Faur (2001), “Todas as outras mitologias e tradições religiosas lhe atribuíram inúmeras deusas, comparando suas fases aos estágios da vida humana (juventude, maturidade e velhice)”. (Ibidem, p. 351)

De acordo com Paul (1990, p.23), “Os celtas também tinham um símbolo da deusa tríplice: as Brigentis, as três Brígidas, denominadas as Três Damas da Grã-Bretanha, e elas simbolizavam as fases da Grande Mãe Anu ou Annis”.

Tendo em vista que algumas deusas da Antiga Religião possuem três faces (donzela, deusa-mãe e anciã), torna-se possível estabelecer, ainda, uma leitura pagã acerca das três principais personagens relatadas: Anchoret, Guinevere e Morgana.

De acordo com a tradição, a donzela era a moça virgem, a primeira fase da feminilidade da mulher. “É aquele aspecto da mulher que não foi afetado pelas expectativas sociais e culturais, determinadas pelo sexo masculino. O aspecto da deusa virgem é uma pura essência de quem é mulher e daquilo que ela valoriza”¹⁵. Anchoret desempenha bem esse papel, apresentando as lendas a Artur e curando terceiros com seu sangue.

A fase de deusa-mãe diz respeito à fertilidade, à ascensão e aos ciclos da vida. Por isso quem pode receber este título é Guinevere, a deusa da fertilidade e a responsável por ascender Artur a rei.

¹⁵ https://aminoapps.com/c/wiccaebruxaria/page/blog/a-deusa-triplice-donzela-mae-encia/8BXp_El7umunMGxPbNPxXKzRgDzWJDkpDM6

O mais intrigante, contudo, é que Guinevere é cristã (embora consiga visualizar Avalon) e estéril, segundo ela, por castigo de Deus, como pode ser percebido no segundo volume de *As Brumas de Avalon*:

A rainha segurou a compressa fervente, tão quente que lhe queimou os dedos, mas recebeu a dor como uma penitência. Era sua culpa, tudo era sua culpa; ele a mandaria embora como estéril, e tomaria outra mulher que pudesse lhe dar um filho. Fora um erro casar-se com ela (BRADLEY, 2008, p.129).

Na leitura acima proposta, entretanto, é possível perceber que Guinevere é responsável pela descendência real. Portanto, não deveria perder seu título de deusa, mas a rainha teve seu mérito desmerecido devido ao seu pecado junto a Lancelote.

A terceira fase da deusa é a anciã. “Guardiã do conhecimento oculto, dos mistérios da sabedoria mágica, a rainha do submundo, a sombra e todos os segredos que só a idade pode nos proporcionar. A anciã é a deusa tríplice por ela própria”¹⁶. Morgana é a responsável por essa fase, por representar a resistência do povo pagão em meio à cristianização do seu povo.

Em *As Brumas de Avalon*, Morgana é quem tece a bainha da espada de Artur, fazendo o símbolo da união entre os druidas e o cristianismo. Na *Demanda*, Anchoret é a responsável pela bainha da espada de Galahad.

Além disso, na *Demanda*, Anchoret é sepultada ao lado de Galahad e do Santo Graal, remetendo também ao sacrifício de Morgana e Artur para salvar a terra: “A vida da Deusa, a vida do mundo, sangue da terra nossa Mãe, derramado pelo seu povo” (idem, p. 232).

Como as deusas tríplices são una e trina (assim como a santíssima trindade dos cristãos), essas mulheres podem representar as três faces de uma só; cada uma dentro das suas particularidades.

O culto à lua (e às deusas) não foi perdido totalmente com a expansão do cristianismo. Sua simbologia pode ser observada em diversos aspectos. O Vaticano, por exemplo, foi construído onde era o *Monte Vaticanus*, santuário da Deusa-Mãe. A Igreja Católica até hoje é conhecida como Santa Madre Igreja. Maria é chamada de Lua de Nossa Igreja. Além disso, a pomba (símbolo da descida do Espírito Santo no dia de pentecostes) é a representação da *Magna Dea*, a Grande Mãe. Portanto, a trindade cristã, segundo gnósticos, deveria ser Pai-Mãe-Filho (PAUL, 1999, p.22).

Tendo em vista essa ressignificação, é possível perceber que, no cristianismo, a mulher aparece em um processo de purificação do pecado, pois as três mais importantes são: Eva, Maria

¹⁶ Idem

Madalena e a Virgem Maria. Na tentativa de uma purificação da sexualidade, portanto, o que iniciou no pecado através de Eva terminou na remissão, através de Maria. No meio das duas, “posta-se Madalena, acessível, imitável, pecadora como todas as mulheres.” (DUBY, 2013, p.26).

CONCLUSÃO

É possível perceber, portanto, que a busca pelo Santo Graal tem uma infinidade de versões, nas quais os mundos materiais e imaginários se entrecruzam. Desde o cálice colhido por José de Arimatéia até um possível filho de Jesus, muitas são as especulações sobre o cálice sagrado. Entretanto, principalmente na lenda do Rei Artur, a busca pelo Graal exige o sacrifício dos hábitos “mundanos”, além da exigência de uma profunda lealdade a Deus e aos seus companheiros de jornada.

Um dos maiores obstáculos da Demanda, contudo, é a presença feminina. A mulher é tida como um fator distanciador do graal, pois o amor *eros* afasta o homem de Deus. No entanto, tanto na lenda do Rei Artur quanto na linhagem sagrada, algumas figuras femininas foram imprescindíveis na busca do santo cálice. Figuras que foram depreciadas com a disseminação do cristianismo pelo mundo.

O que pôde ser observado, contudo, é que a presença feminina foi resistente e importante para a ascensão do reinado de Artur, bem como na sua cura em algumas batalhas. A sabedoria feminina foi, ainda, de suma importância para a busca pelo Santo Graal, que, segundo uma das leituras, se trata de uma mulher – mulher essa que também teve sua imagem demonizada pelo cristianismo.

É possível perceber, ainda, que a figura da mulher foi representante do paganismo existente na época (e por isso, demonizada). Com isso, personagens importantes do verdadeiro Graal foram postos em segundo plano, enquanto os que foram idealizados pelo cristianismo receberam o título de heróis.

Vale lembrar, com tudo isso, que cada buscador encontra um Graal diferente e, a partir daí, consegue construir uma análise da obra e de seus personagens, pois tanto o cálice sagrado quanto os personagens dessa novela são recheados de misticismo e alegoria, fazendo valer a relação entre história e ficção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIAS, Ademir Aparecido de Moraes. **A Rapina como meio de vida da aristocracia cavaleiresca: o exemplo da “Gesta dos Lorenos”**. In: ZIERER, Adriana (org), SOUZA, Neila, GOMES, Flavia Santos (colab). **Uma viagem pela Idade Média: estudos interdisciplinares**. São Luis: Editora UEMA, 2010.
- AUERBACH, Erich. **Introdução aos estudos literários**. São Paulo: Cultrix, 1970.
- BAIGENT, M; LEIGH, R; LINCOLN. H. **O Santo Graal e a linhagem sagrada**. Editora Nova Fronteira, 1982.
- BARROS, José D’Assunção. **A poética do amor cortês e os trovadores medievais** - caracterização, origens e teorias. Aletria, Belo Horizonte: 2015.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad: Maria Helena. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BRADLEY, Marion Zimmer. **As Brumas de Avalon: livro um – a senhora da magia**. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- BRADLEY, Marion Zimmer. **As Brumas de Avalon: livro dois – a grande rainha**. Rio de Janeiro: Imago, 2008.
- CARNEIRO, Cristina Helena. **Bruxas e feiticeiras em novelas de cavalaria do ciclo arturiano: o reverso da figura feminina?** Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Maringá, 2006.
- DUBY, Georges (org). **Damas do século XII**. Trad. Paulo Neves e Maria Lúcia Machado. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- DUBY, Georges. **Idade Média, Idade dos Homens – Do amor e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- DUBY, Georges. **Três ordens ou o imaginário do Feudalismo**. 2ª ed. Lisboa: Editora Estampa, 1994.
- FAUR, Mirella. **O Anuário da Grande Mãe: guia prático de rituais para celebrar a Deusa**. 2ª ed. São Paulo: Gaia, 2001.
- FILHO, Orlando Paes. **O código de cavalaria**. Barueri: Manole, 2007
- GÓES, Ludenberg. **O ABC do Código da Vinci**. São Paulo: Conex, 2006.
- GALDINO, Luiz. **Os cavaleiros do Graal**. São Paulo: Quinteto Editorial, 2000.
- LEADBEATER, C.W. **Pequena História da Maçonaria**. Trad. J. Gervásio de Figueiredo. São Paulo: Pensamento, 2012.
- LE GOFF, Jacques. (org.). **O Homem Medieval**. Lisboa: Presença, 1989.
- MACEDO, Helder. **Uma cantiga de D. Dinis**. In: RECKERT, Stephen; MACEDO, Helder. **Do Cancioneiro de Amigo**. 3ª ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 1996.
- MEGALE, Heitor. **O jogo dos anteparos. A demanda do santo Graal: a estrutura ideológica e a construção da narrativa**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1992.
- PAUL, Haydn. **Rainha da Noite – Explorando a Lua Astrológica**. São Paulo: Ágora, 1990.

PEREIRA, Rita de Cássia Mendes. **Artur, Galaaz e os cavaleiros do Graal: modelos monárquicos de soberania em Portugal nos séculos XII e XIII**. UESB, 2007.

STARBIRD, Margaret. **Maria Madalena e o Santo Graal. A mulher do Vaso de Alabastro**. Editora Sextante, 2004.

TOLDY, Teresa Martinho. **A violência e o poder da(s) palavra(s): A religião cristã e as mulheres**. Revista Crítica de Ciências Sociais [Online], 89 | 2010, colocado online no dia 01 outubro 2012, criado a 20 abril 2019. URL: <http://journals.openedition.org/rccs/3761>

TROYES, Chrétie de. **Lancelote, o cavaleiro da carreta**. Trad. de Vera Harvey. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

ZIERER, Adriana. **Artur: De Guerreiro a Rei Cristão nas Fontes Medievais Latinas e Célticas**. Brathair 2 (1), 2002.

ZIERER, Adriana. **Galaaz e Lancelot n'A Demanda do Santo Graal. Modelos ideais de cavaleiro em confronto**. Rio de Janeiro: Medievalis, 2015.

ZIERER, Adriana. **Imagens Femininas n'A Demanda do Santo Graal**. ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História. Fortaleza, 2009.